



## Universidades Lusíada

Buinhas, Marco

### **Viddi well little alex, viddi well...**

<http://hdl.handle.net/11067/4970>

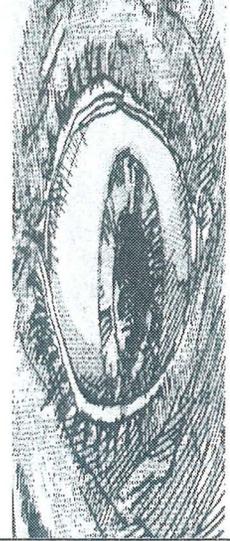
#### **Metadata**

**Issue Date** 2002

**Abstract** Não será despropositado recordarmos A Clockwork Orange (1971 ), de Stanley Kubrick, obra seminal, metafórica e, sobretudo, antecipativa de sociedades e culturas ocidentais contemporâneas. Não menos despropositado será lembrarmos o processo, fulcral ao filme, do incessante bombardeio imagético a que Alex, o personagem protagonista, se sujeita, de olhos escancarados e forçadamente abertos, durante uma particular 'terapia' de reinserção social. De facto, se pensarmos bem, a terapêutica a que o pers...

**Type** bookPart

This page was automatically generated in 2025-04-02T08:45:30Z with information provided by the Repository



## VIDDI WELL LITTLE ALEX, VIDDI WELL ... MARCO BUINHAS

**N**ão será despropositado recordarmos *A Clockwork Orange* (1971), de Stanley Kubrick, obra seminal, metafórica e, sobretudo, antecipativa de sociedades e culturas ocidentais contemporâneas.

Não menos despropositado será lembrarmos o processo, fulcral ao filme, do incessante bombardeio imagético a que Alex, o personagem protagonista, se sujeita, de olhos escancarados e forçadamente abertos, durante uma particular 'terapia' de re-inserção social.

De facto, se pensarmos bem, a terapêutica a que o personagem é sujeitado no filme, com olhar involuntário, é por nós recebida hoje em dia, quotidianamente, com voluntário olhar.

Numa cultura actual, que celebra na visão o primeiro dos sentidos, o olho deixou de oferecer a capacidade de ver para se constituir na impossibilidade de não ver.

Olhamos, simplesmente, retendo do mundo uma colecção de imagens que ordenamos mentalmente por vezes, e perversamente, sem atentarmos a conteúdos.

A dialética entre imagens e conteúdos compromete-se face à comodidade de apreensão de estímulos retinianos e imediatos.

Os *media* cedo se aperceberam do facto.

Se novas tecnologias e, conseqüentemente, meios de comunicação revelam campo aberto à divulgação de conhecimento e informação, primam também em vulgarizá-lo em nome da rapidez exigida por consumos imediatos e mecânicos de imagens.

A arquitectura e os seus lugares não são poupados.

Se as fronteiras geográficas e culturais se esvanecem, face a desterritorializados meios de comunicação, urge combater a consequente desterritorialização dos conteúdos propagados; combater uma cultura que a globalização agrava como predominantemente visual e, paradoxalmente, subversiva à própria *ut pictura poesis* tão proclamada pela modernidade.

Este fenómeno, recente e sustentado sobretudo pelo nomadismo de fragmentos e imagens, veicula-se por arquitecturas cujo objectivo parece mais constituir-se na sua publicação que na finalidade última da sua realização.

A imagem substitui o lugar.

Entretanto a verdadeira arquitectura, vivida e vivida, continuará, por seu lado, comprometida até à raiz com os lugares que desenha e constrói; esses territórios incestuosos onde conteúdos e formas - conceitos/ figuras – se confrontam, nutrindo-se reciprocamente. A importância da sua comunicação, enquanto fenómeno particular e perpétuo, residirá mais em si, nos seus lugares e em nós, que nos suportes convencionais de divulgação e de publicação.

Nas palavras do escritor Norte-americano Henry Miller, "(...) A grande obra será sempre inevitavelmente obscura, excepto para um punhado de homens que, tal como o autor, estão iniciados no mistério. A sua comunicação resulta assim secundária. O importante é a perpetuação; para isso é só necessário um bom leitor."